

Internacional

internacional@jb.com.br

Um genocídio lingüístico

CLÁUDIO FIGUEIREDO

"As línguas hoje estão desaparecendo a uma velocidade jamais vista na história humana", alerta a finlandesa Tove Skutnabb-Kangas, que, a exemplo de um número cada vez maior de lingüistas, não hesita em classificar o fenômeno de "genocídio lingüístico". Das cerca de 6.700 línguas orais existentes, apenas 670 – segundo as previsões mais realistas – sobreviverão aos próximos 100 anos.

Mais e mais, especialistas em todo o mundo abandonam a postura puramente acadêmica para se engajar numa campanha contra o que consideram um massacre cultural. "É preciso que nos tornemos ativistas, não apenas arquivistas", argumenta Skutnabb-Kangas, vice-presidente da Terralingua, entidade que abraçou essa cruzada. Numa atmosfera politizada, muitos lingüistas não se referem a idiomas que "desapareceram", mas sim, "foram assassinados". E, para denunciar preconceitos contra as línguas das minorias, forjaram o termo "lingüicismo", por analogia com os termos "racismo" e "sexismo".

A luta contra a extinção é travada com força desigual. Em setembro do ano passado, Patrick Le Lay, um empresário bretão – escorado em generosos investidores – pôs no ar a TV Breizh, a primeira emissora da França a divulgar uma programação no idioma bretão, falado atualmente por apenas 240 mil franceses. Porém, poucos dias antes, enquanto na França a nova TV preparava sua estréia, no outro lado do Atlântico, morria no Pará, nas margens do rio Cairari, uma índia de 70 anos, Muihu Anambé. Uma das últimas sete pessoas vivas a se expressarem no idioma dos Anambé, ela era um dos poucos elos que separa esta língua ligada ao tupi guarani da extinção pura e simples.

Ancestrais – O caminho é sem volta. Ou quase. O kaurua, um das dezenas de idiomas dos povos aborígenes da Austrália, era considerado uma língua morta em 1927, mas agora há pelo menos 50 pessoas que falam fluentemente o kaurua, que passou a ser ensinado em algumas universidades. Nos EUA, Jessie Little Doe Fernino, uma integrante da tribo Mashpee em Cape Cod, tenta reviver a língua dos seus ancestrais. Mas mesmo os índios navajo, cujo idioma ainda é falado por 150 mil pessoas, ainda não se sentem seguros a respeito do futuro da sua língua.

Geralmente, o esforço para reviver um idioma só é coroado de sucesso quando apoiado por objetivos nacionais e religiosos. O caso do hebraico é único: uma língua antiga ressuscitada para ser adotada como idioma oficial de um estado moderno.

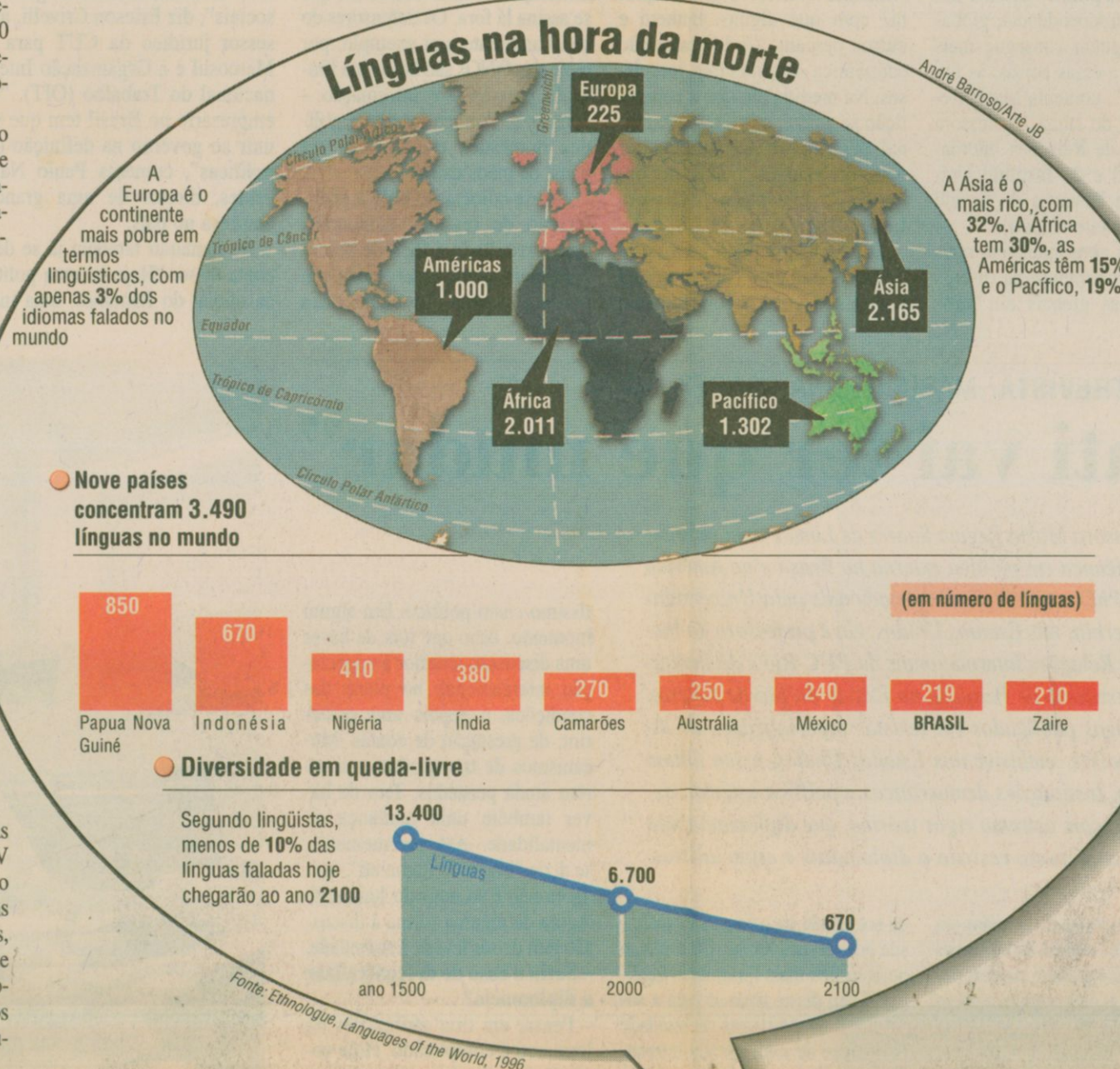
Na Irlanda, no fim do ano passado, manifestantes protestaram na porta da Telecom Éireann: depois de privatizada, a empresa parou de emitir suas contas em irlandês, imprimindo-as só em inglês. A mudança mexeu com o orgulho celta dos usuários. O argumento do custo não convenceu os irlandeses. Se a British Telecom tem dinheiro para imprimir as contas do País de Gales em galês, por que a Telecom Éireann não pode fazer o mesmo na Irlanda?

Mídia – Numa corrida contra o tempo, nas universidades multiplicam-se os estudos e levantamentos sobre idiomas ameaçados e sua sobrevivência. Para a lingüista Tove Skutnabb-Kangas, os instrumentos do que ela chama de genocídio são a mídia e o sistema de educação formal, que ensina às crianças sem recorrer à sua língua materna. Até 1991, a Turquia, a despeito de abrigar milhões de habitantes curdos, estabelecia que "A língua mãe de todos os cidadãos turcos é o turco".

No mundo pós-Guerra Fria, pontilhado de conflitos étnicos, a luta pelos direitos lingüísticos tende a estar cada vez mais presente na pauta de reivindicações, seja de grupos armados na Etiópia ou dos índios de Chiapas, no México. A questão das línguas regionais é tema polêmico não apenas no autoritário Iraque, mas também na França liberal, onde a educação de corsos e bascos é motivo de negociações delicadas.

Não é à toa, lembra Tove Skutnabb-Kangas, que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela ONU em 1948, não contém nenhuma alusão às línguas: um artigo sobre o genocídio cultural e lingüístico foi vetado por 16 países, ficando de fora do documento. De lá para cá, entidades ligadas à ONU vêm trabalhando para corrigir a falha, como a Unesco, que elaborou um *Livro Vermelho das Línguas Ameaçadas*.

Em uma corrida contra o tempo, estudiosos se apressam a estudar idiomas ameaçados e denunciam que nunca tantos idiomas desapareceram tão rapidamente em todo o mundo



Sônia D'Almeida - 4/6/1992



Índios brasileiros e americanos lutam para preservar e às vezes até ressuscitar as línguas dos seus ancestrais



Divulgação

Inglês, uma nova 'língua franca'?

Para os campeões da diversidade lingüística e cultural, o inglês é o candidato mais forte a assumir o papel de vilão de um mundo cada vez mais homogêneo.

No Quebec, na parte francófona do Canadá, fiscais já saíram de metro em punho medindo cartazes e placas para se assegurarem de que as letras dos dizeres em inglês estão menores do que aqueles em francês, de acordo com as normas locais do bilingüismo. Mas a luta é vã. Em Paris, diante do Louvre, um pôster da Apple irrita as autoridades que regulam a publicidade na França ao exibir uma imagem de Picasso, acompanhada de um slogan em inglês: *Think different*.

A força do inglês vem se expandindo ao ritmo dos novos meios de comunicação. Pesquisa recente mostra como os idiomas latinos estão espremidos na internet. O francês ocupa apenas 2,81 dos sites, o espanhol 2,53%, o italiano 1,5% e o português se limita a 0,82%.

Especialistas mais engajados já cunharam o termo imperialismo lingüístico. Mas Ricardo Salles, estudioso de línguas, discorda: "Melhor do que falar de imperialismo lingüístico, seria falar dos aspectos lingüísticos do imperialismo. A força não é do inglês, mas da expansão da economia e da cultura dos EUA. A língua é secundária, vem com o resto." Segundo ele, tentar traduzir termos como shopping e funk é um esforço fútil: "Não importamos palavras. Importamos conceitos, idéias, instituições."

Latim – Para outros, o inglês tem um papel positivo ao funcionar como uma *lingua franca*, idioma universal num mundo onde as fronteiras começam a cair. Mas, lembra Salles, o inglês não foi a primeira língua a exercer a função. "O grego no Mediterrâneo Oriental era, como o inglês hoje, a língua do comércio. São Paulo escreveu o Novo Testamento em grego, mas sua língua materna era o aramaico. O árabe também desempenhou esse papel do Norte da África, à Índia, passando pela Espanha", lembra ele.

Mas, para o autor dos livros *O Legado de Babel* e *Passeando por Babel*, em termos históricos a performance do inglês ainda empalidece diante da difusão alcançada pelo latim, língua que servia à administração do Império Romano. "O latim ganha pela duração do seu domínio: cerca de mil anos. Era a língua do poder e se estendia das Ilhas Britânicas ao Norte da África, da Península Ibérica até a Valáquia, a atual Romênia." Sem fax ou internet. (C.F.)

Brasil ignora patrimônio

A noção de que o Brasil é um manancial importante em termos de biodiversidade está consolidada dentro e fora das suas fronteiras. Já a idéia de que o país concentra um dos territórios mais ricos do planeta em termos lingüísticos espantaria a maioria dos seus habitantes. E no entanto o Brasil é um dos nove países que, sozinhos, concentram quase a metade, 3.490, dos idiomas falados atualmente (veja gráfico acima). "O Brasil se destaca como uma das mais importantes áreas bioculturais identificadas no mundo", diz de Marra-kesh, onde mora, o americano Gary Martin.

Um botânico com PhD em Antropologia, ele criou ano passado a Fundação pela Diversidade Global, convicto de que há um vínculo entre a variedade lingüística, a agrícola e a biológica. "Há uma ligação entre a cultura (incluindo a linguagem) e a natureza. Quando uma é afetada, as outras também sofrem", diz ele. É nesta confluência que vêm prosperando novas disciplinas como a etnoecologia, a etnobotânica e a etnobiologia, destinadas a estudar a relação entre as pessoas e as plantas e animais no seu meio ambiente.

Ecologia – Para Martin, lutar pela preservação de um idioma ameaçado é "uma questão básica de direitos humanos: temos de defender o direito dos povos falarem sua própria língua e seguirem seus próprios costumes". Mas é muito mais que isso. "Como antropólogos, sabemos que mesmo que uma língua seja falada por algumas dezenas ou centenas de pessoas, ela é o veículo de um conhecimento cultural e ecológico acumulado sobre séculos de descobertas e pesquisas empíricas", diz com a autoridade de quem já organizou projetos e pesquisas na China, Ilhas Fiji, México, Malásia, República Dominicana, Índia e Tailândia. "Se estas linguagens desaparecerem, perdemos uma parte importante do patrimônio da humanidade", completa.

O fio por onde é transmitida esta herança é muito frágil, alerta a lingüista brasileira Ruth Montserrat. "Bastam duas gerações para o processo se romper. É muito rápido. Os pais falam; os filhos só entendem; os netos nem uma coisa, nem outra. Toda a expressão de um povo se dá através da língua. Sem ela, fica trunca a possibilidade de transmissão dessa cultura", observa a professora, que integrou o Comitê Nacional de Educação Indígena entre 1993 e 1997.

No Brasil, a Constituição de 1988, ao garantir o direito dos índios de serem educados na sua língua materna, reverteu uma lógica que dava como inevitável o desaparecimento destes povos. O que era uma política alternativa – a formação de professores indígenas – ganhou aval oficial e virou política de governo. No entanto o número de especialistas ainda está longe de ser o ideal. "Talvez haja em torno de cem lingüistas dedicados à pesquisa dos idiomas indígenas em todo Brasil. Não é o bastante", diz Ruth.

Risco – Uma projeção do lingüista Arnon D. Rodrigues, coordenador do Laboratório de Línguas Indígenas da UnB estima que, antes da chegada dos europeus, 1.175 línguas eram faladas por índios no que é hoje o território brasileiro. Dessas, teriam sobrado segundo ele cerca de 180: "Em princípio, todas as línguas indígenas do Brasil correm risco de extinção. Entre as mais ameaçadas, há as com melhores perspectivas de sobrevivência e as irremediavelmente moribundas: aquelas não mais faladas pelas crianças e que só são conhecidas por pessoas idosas."

Os fatores que trabalham contra a sobrevivência dos idiomas indígenas são as mesmas que continuam a existir em todo o mundo, como a urbanização crescente e a força dos meios de comunicação. Ainda assim, grupos indígenas como os guaranis, com cerca de 30 mil pessoas no país, continuam a preservar seu idioma, mesmo estando há cinco séculos em contato com os brancos.